

**AS TRANSFORMAÇÕES DOS PATRIMÔNIOS IMAGINADOS: UMA  
ANÁLISE DAS DIÁSPORAS CONTEMPORÂNEAS E SEUS EFEITOS NA  
FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES IMAGINADAS E NAS  
TRANSFORMAÇÕES DOS PATRIMÔNIOS CULTURAIS**

Carolina Filippini (UC)

**Resumo:** O objetivo do presente ensaio é discutir a relação narrativa entre patrimônio histórico cultural e comunidade nacional na contemporaneidade, onde as fronteiras da nacionalidade estão cada vez mais diluídas. O trabalho ressalta os aspectos narrativos da construção das comunidades, das identidades e dos patrimônios culturais. O ensaio procura pensar os elementos capazes de alterar as narrativas das comunidades e de seus patrimônios, como as diásporas contemporâneas e a crescente proximidade entre nações, potencializada pelo avanço das tecnologias de transporte e comunicação, pelo surgimento de mercados comuns, entre outros. Esses novos fluxos geram o crescimento de complexas identidades transnacionais e novas formas de se pensar as nações, as comunidades e as identidades. O trabalho propõe que as identidades pluriculturais e desterritorializadas tem efeitos no imaginário cultural e no patrimônio histórico das comunidades, e a potência de gerar movimentos artísticos cada vez mais transnacionais e multiculturais que representem a pluralidade crescente na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Diásporas contemporâneas. Comunidades imaginadas. Patrimônio cultural. Identidade cultural. Multiterritorialidade.

A presente comunicação se estrutura como apresentação de resultados preliminares de uma pesquisa que ainda está em andamento e, portanto, conta mais com pressupostos do que com conclusões definitivas.

O patrimônio cultural é o conjunto de bens que seria capaz de contar a história de um povo e refletir a sua identidade cultural. Dessa forma, analisar o patrimônio de uma nação permitiria identificar as características que representam aquele povo, aquela comunidade. É importante destacar, porém, que os elementos formadores de uma comunidade e de seu patrimônio cultural são narrativos, e estariam ligados a maneira como essa comunidade imagina a si mesma. As nações poderiam ser consideradas,

assim, como *comunidades imaginadas*, conforme proposto por Benedict Anderson (2015). As comunidades seriam definidas como imaginadas exatamente pelo caráter narrativo das mesmas, onde os sentidos de unidade da nação são construídos a partir de uma narrativa fundacional, de uma ideia de características partilhadas, eleitas enquanto tipificação do ideal de povo. Imaginadas, também, pois, mesmo os membros da menor das nações jamais conhecerão, encontrarão ou sequer ouvirão falar da maioria dos seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem da comunhão entre eles. Apesar da unidade básica da nação ser o povo, ele não seria, necessariamente, a junção de todos os indivíduos, mas sim um tipo específico cuja definição passaria por uma curadoria. Em países comunistas do leste europeu, por exemplo, sustentou-se a ideia de que o poder ao povo seria uma revolução do proletariado, elegendo o operário como a massa, o povo. Já em diversos países latino americanos, a partir do modernismo, a ideia de povo não passava pelo proletariado, mas pelo exótico, e o indivíduo tipicamente nacional era definido como uma mistura de matrizes indígena, africana e europeia. É também a partir do modernismo que as representações artísticas e as manifestações tipicamente populares, folclóricas - representantes destes indivíduos até então vistos como exóticos - são incorporadas a um patrimônio cultural que anteriormente acolhia apenas o erudito, revelando o impacto dos movimentos artísticos na formação das identidades culturais. A mudança na maneira como a comunidade imagina a si mesma e o seu ideal de povo reflete, portanto, na eleição dos elementos que farão parte de seu patrimônio cultural.

Vale ressaltar, ainda, que as identidades individuais ou nacionais não são elementos dados, mas são sempre reconstruídas e desconstruídas em relação a memória dos acontecimentos. Como ressalta Eduardo Lourenço (2008), a questão da identidade, seja ela “a individual, a grupal ou a da nação, é permanente e se confunde com a da sua mera existência, a qual não é nunca um puro dado, adquirido de uma vez por todas, mas o ato de querer e poder permanecer conforme ao ser ou ao projeto de ser aquilo que se é” (LOURENÇO, 2008, p. 09). A identidade de um indivíduo, uma comunidade ou uma nação funciona enquanto re-atualização do que se foi ontem em função do que se é hoje e do que se quer ser amanhã. Assim, a narrativa das identidades atualiza-se de maneira constate, sendo resultado das memórias eleitas do passado, das narrativas escolhidas do presente e dos ensejos narrativos futuros. As identidades, da mesma forma que as comunidades, não são mero dado, mas construção e inversão de si mesmas.

E enquanto construções, as comunidades necessitam, portanto, de um elemento narrativo que dê sentido as nacionalidades, como, por exemplo, à nacionalidade brasileira, e que ilustre o que aquele povo tem em comum, e o que o difere das demais nações. Deste modo, o que é eleito como patrimônio cultural de determinada comunidade - os edifícios, as obras de arte, a comida, a música - seriam formas de representação dessa nação, elementos eleitos que serviriam para construir uma narrativa de comunidade, e também como mantenedores dessa comunidade. Afinal, da mesma forma que o patrimônio cultural é influenciado pelas mudanças na definição de povo e de comunidade, ele também funciona como elemento de sustentação dessa narrativa, em um movimento de retroalimentação. Assim, as comunidades imaginadas necessitam de elementos que ratifiquem a sua própria narrativa, e o que é eleito como patrimônio cultural tem reflexos no futuro, concretizando-se como representante dessa comunidade.

Um dos elementos contemporâneos que teriam a potência de alterar as narrativas das comunidades e dos seus patrimônios culturais são as chamadas diásporas contemporâneas. Os deslocamentos realizados por determinados grupos sociais, a relação dos mesmos com os novos espaços habitados e a forma como eles se rearranjam culturalmente nestes novos espaços podem significar um aspecto complexo e abarcador das experiências humanas. As práticas de deslocamento podem aparecer como constitutivas de significados culturais, e a complexidade das formações culturais oriundas dos processos migratórios se relaciona com seus pares e seus espaços de forma criativa, resultando na invenção de novas comunidades.

O incremento das novas tecnologias da comunicação e da informação aproximaram as nações dando início a um processo de produção de novas narrativas e revelando que estamos em um momento de reinvenção das formas de pensar o nacional, as identidades e as próprias comunidades. Robin Cohen (1997), autor do livro *Global Diásporas: An Introduction*, destaca o crescimento de complexas identidades transnacionais resultantes destes novos fluxos. Cohen relata a evolução do conceito de diáspora ao longo da história e mostra que, atualmente, o termo modificou-se mais uma vez, implicando uma relação positiva e permanente entre os países de origem dos migrantes e seus locais de trabalho e moradia. A partir da vivência desses adventos contemporâneos, o indivíduo passa a se dar conta da pluralidade de identidades que carrega.

Nesse sentido, o objetivo do presente ensaio é discutir a relação narrativa entre patrimônio histórico cultural e comunidade nacional na contemporaneidade, onde as

fronteiras da nacionalidade estão cada vez mais diluídas. Com a velocidade do mundo contemporâneo e os efeitos do transnacionalismo, onde os fluxos e as colaborações entre nações são intensas, que alterações poderiam ser identificadas na formação das comunidades imaginadas e, portanto, dos seus patrimônios culturais? Ao acreditar que a narrativa do que é nação, povo e do que consiste patrimônio cultural varia nas diferentes conjunturas políticas e sociais, consideraríamos, assim, que a contemporaneidade como categoria epistêmica alteraria essas narrativas. Como a contemporaneidade entende o mundo de forma diferente da modernidade e da pós-modernidade, o ensaio busca entender como os novos enfoques alteram a construção narrativa do conceito de patrimônio cultural.

Para Anderson, as origens culturais das nações modernas podem ser encontradas em certos momentos históricos modernos, como na mudança da concepção de tempo, no declínio das comunidades religiosas e dos impérios dinásticos e no desenvolvimento da cultura impressa de massas (livros, jornais) em línguas vernáculas. Após especificar as causas gerais subjacentes ao desenvolvimento das nações, Anderson explorou as mudanças particulares em seus contextos culturais e históricos. Na contemporaneidade, onde lidamos com novos momentos históricos, é válido, portanto, analisar estes novos momentos e adventos - como a criação de mercados comuns (como o Mercosul e a União Europeia), a aceleração das comunicações e dos transportes, os fluxos contemporâneos, e as mudanças geradas por eles nos presentes contextos culturais, nações e patrimônios.

Na atualidade, de acordo com Myron Weiner (1996), calcula-se que cerca de 120 milhões de pessoas vivem fora de seus países de nascimento. Com a condição contemporânea de economias globalizadas, torna-se elevado, ainda, o número de empresas transnacionais, tendo seus estabelecimentos distribuídos por diversos países e promovendo o deslocamento de funcionários. Em meados dos anos 90, de acordo com Allan Scott (1998) havia no mundo 38.541 companhias com filiais em outros países, somando 251.450 estabelecimentos. Ainda em meados da década de 1990, havia 5.401 organizações intergovernamentais internacionais e 31.085 organizações não-governamentais (ONGs) internacionais, 25 vezes mais que em 1960. Além disso, novas cidades eleitas como cidades globais possuem um número significativo de estrangeiros entre seus habitantes, como Dubai, onde cerca de 80% da população é de estrangeiros, e Cingapura, onde o número chega a 35%, próximo ao de cidades como Nova Iorque e Londres. Estes números apontam para o momento contemporâneo marcado pelas

diásporas da era da globalização, pela migração internacional, pelas cidades globais, pelo cosmopolitismo, capazes de gerar identidades sociais desterritorializadas.

O grande fluxo e o estreito contato entre algumas nações resulta ainda em novas políticas e novas formas de interação social. Muitos países passaram a defender direitos para seus emigrados, pois estes, entre outras coisas, lhes remetem poupanças e utilizam os sistemas sociais dos países hospedeiros. Através das “colônias” (entendendo colônias enquanto grupos de uma nacionalidade vivendo em outra nação), os países podem exercer alguma influência cultural e política nos países hospedeiros, como por exemplo, a influência árabe na França. Os fluxos contemporâneos e estes novos adventos, como o transnacionalismo e o pluriculturalismo, tiveram efeitos significativos no imaginário cultural e no patrimônio histórico dos países. Essas influências teriam a potência de gerar um crescimento, por exemplo, no número de patrimônios multinacionais reconhecidos por organizações de relações internacionais, como por exemplo a UNESCO, que engloba patrimônios compartilhados por diferentes países, como as tradições orais galego-portuguesas. O cinema contemporâneo também oferece exemplos deste tipo de interação. O movimento cinematográfico intitulado Cinema de *Banlieue*, que surge na França em meados dos anos 90, é um exemplo desse reflexo das identidades multiculturais nos movimentos artísticos. Formado por filmes rodados nos subúrbios com orçamentos modestos e uso de atores não profissionais e iniciantes, o Cinema de *Banlieue* não possui origens culturais e nacionais discerníveis. O movimento cinematográfico foi criado através da confluência de diferentes identidades culturais e centra-se em populações móveis. A especificidade destes filmes reside na consideração da diversidade étnica e na representação de uma pluralidade cada vez mais visível na contemporaneidade. O gênero Cinema de *Banlieue* é comumente reconhecido como a plataforma de uma comunidade mista. Esses exemplos parecem confirmar a ideia de que o aumento de grupos de diferentes origens habitando e convivendo em um mesmo território poderia vir a resultar no desenvolvimento de um patrimônio multicultural.

Essas influências trazidas por diferentes nacionalidades convivendo em uma mesma comunidade podem ser pensadas a partir da estética dos fragmentos, como partes separadas de uma totalidade e reconectadas em um outro espaço, aproximando-se de uma ideia de mosaico. Os diferentes fragmentos, ou seja, as diversas influências culturais oriundas de diferentes regiões, ao se acumularem em uma determinada comunidade, trariam modificações na narrativa imaginada das sociedades e de seus

patrimônios culturais. Margarida Calafate Ribeiro (2015), ao falar sobre essa estética do fragmentário, afirma que:

Nenhum fragmento é suficiente para preencher um modelo, mas a sua acumulação produz uma espessa impressão de história efetiva. (...) Pela sua origem (do latim *frangere*) o fragmento remete para o resultado caótico de uma ruptura, de uma libertação de formas. É um material cortante porque os seus ângulos são irregulares, mas parecem alinhar-se com a imperfeição do mundo (RIBEIRO, 2015, p. 14).

Assim, apesar de um único fragmento não ser capaz de realizar um corte profundo, o conjunto deles tem a potência de gerar alterações significativas na cultura, possibilitando uma cultura que alinha-se com o momento contemporâneo que coloca em questão a capacidade das comunidades de lidar com a alteridade. Desse modo, narrativas contra hegemônicas tencionam um complexo campo de pressões políticas por diferentes modos de se pensar o habitar no mundo. Esses modos passam por uma consciência dos indivíduos e das comunidades em relação a pluralidade de identidades que carregam, e, através deles, cria nações e produz ícones com características cada vez mais transnacionais e multiculturais.

### **Referências:**

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

COHEN, Robin. *Global Diasporas: An Introduction*. Seattle: University of Washington Press, 1997.

LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa – ou as duas razões*. Lisboa: Editora Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008.

RIBEIRO, Margarida Calafate. *Papéis críticos avulsos*. In: RIBEIRO, Margarida Calafate, SILVA, Monica & VECCHI, Roberto. *Papeis da Prisão - apontamentos, diário, correspondência*. Alfragide: Editora Caminho, 2015.

SCOTT, Allan. *Regions and the world economy. The coming shape of global production, competition and political order.* Oxford: Oxford University Press, 1998.

WEINER, Myron. *Nations without borders. The gifts of folk gone abroad.* In: United Nations (ed.), *Migrations and cultures: a world view.* Nova Iorque: Basic Books, 1996.